



## Arte, Cultura e Agroecologia: Sincronicidade Micorrizas no ENA *Art, Culture and Agroecology: Mycorrhizal Synchronicity in ENA*

TRIVELATO, Ananda Deva Assis<sup>1</sup>; MOCKDECE, Hana Brener<sup>2</sup>; COELHO, Luís Fernando Gomes<sup>3</sup>; SANTOS, Lara Oliveira de Alencar<sup>4</sup>; RIBEIRO, Jezebel Martins<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Núcleo de Educação do Campo e agroecologia ECOA/UFV, [artistadocenteagroecologica@gmail.com](mailto:artistadocenteagroecologica@gmail.com);

<sup>2</sup>Micorrizas, [mockdece.hb@gmail.com](mailto:mockdece.hb@gmail.com); <sup>3</sup>Graduando em Dança/UFV, [nmatipo10@gmail.com](mailto:nmatipo10@gmail.com); <sup>4</sup>

Micorrizas, [lara.sempreviva@gmail.com](mailto:lara.sempreviva@gmail.com); <sup>5</sup>Graduando em Licenciatura e Educação do Campo LICENA/UFV, [jzblmartins@gmail.com](mailto:jzblmartins@gmail.com)

### Eixo Temático: Cultura Popular, Arte e Agroecologia

**Resumo:** Relato de vivência da participação do Grupo Micorrizas no Encontro Nacional de Agroecologia, que aconteceu de 31 de maio a 3 de junho de 2018, Belo Horizonte/MG com o tema *Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade*. Descreve a construção aberta da performance e a sincronicidade da cena no Ato Final, as fricções e ações arte agroecológicas, colheitas e plantios na troca de experiência e, o que nasce neste campo de reflexão a partir do ENA. As Micorrizas se constituem como um grupo de estudos corporais integrais e integrados à Agroecologia que desde 2013 aprofunda os diálogos com o olhar de inspiração interligado às nossas referências culturais, integrando dança, agroecologia e arte educação patrimonial em cena.

**Palavras - Chave:** Dança; Educação Patrimonial; Memória

**Keywords:** Dance; Heritage education; Memory.

### Contexto

Como Micorrizas temos o início de nossa história no ambiente da Troca de Saberes no ano de 2013. Caracterizado como um grupo de arte interligado a agroecologia, busca nos Intercâmbios, Mutirões, Trocas, ambientes de interação agroecológico a inspiração que nutre a cena.

Em diálogo com as manifestações populares o grupo Micorrizas pratica a agroecologia reapropriando e valorizando os saberes tradicionais a partir da escuta e da reelaboração destes saberes na performance. Busca trazer para a cena uma dança da transculturalidade, que vai refletir a diversidade presente na prática da agroecologia e expandir o campo de inspiração desta arte para os espaços rurais e periurbanos, mananciais de cultura popular. É com esta ação que refletimos também sobre a arte educação patrimonial.

Através desse estudo das identidades culturais tradicionais, encontramos caminhos que auxiliam na reapropriação dessa diversidade cultural em nossa memória corporal vivenciando a diversidade de um corpo, que vai além da monocultura dos gestos. Essa é uma experiência importante para que se perpetue uma ação de mão-dupla, estimulando a troca de saberes e reforçando o movimento de superação da hegemonia acadêmica. Através das vivências realizadas no campo, das oficinas e da performance, reconhecemos a importância de se efetivar ações que provocam a



valorização da cultura local e estimulam a superação das desigualdades e da exclusão.

Para isso, buscamos articular processos criativos de performance em dança contemporânea de matrizes brasileiras, versando sobre nossas origens identitárias e ancestrais, criando um diálogo com as tradições culturais. As performances pretendem retratar e pensar sobre o universo ancestral mítico e servir como um espaço de apreciação reflexiva, onde o cidadão possa se reconhecer. Isso porque ali reflete a sua própria história e a corporeidade do povo brasileiro.

Desse modo, por meio de apresentações e interações artísticas entre público e performers, criam-se espaços de apreciação e reflexão artística, além da formação e conscientização de público.

As Micorrizas surgem no espaço da Troca de Saberes e depois se expandem em diversos momentos de construção da agroecologia na Zona da Mata Mineira: Mutirões, Intercâmbios, Terreiros, Caravanas, Congressos e Simpósios recebem as Micorrizas, que se expandem e conectam arte e agroecologia em cena no espaço rural, acadêmico, cultural, começando a se firmar como um grupo de Dança e Arte Agroecológica. É um grupo itinerante, com circularidade de sujeitos que se conectam e reconectam com a proximidade dos espaços afirmando uma conexão de rede ritual, virtual, real. E por isso encontramos no conceito de sincronicidade a referência para nosso trabalho ao interligar experiências que se relacionam, não por causalidade mas por significados.

Diferentes atores transitaram pelo grupo que hoje se define não como estrutura, mas como caminho conectivo aonde uma ideia em posseção toma forma em cena.

### **Descrição da Experiência**

No ano que se passou o grupo Micorrizas potencializou sua ação no campo da agroecologia com a participação no VI ENA. A preparação começa alguns meses antes com o desejo de levar uma mensagem em cena que dialogue com a estrutura e comunicação que encontraríamos no ENA. Os encontros para criação, conversação e reflexão se davam por duas vezes na semana, na sede do DAH, departamento de Artes e Humanidades, Curso de dança- UFV e Gramado Escola, aberto a comunidade para participação.



Foto: Acervo Micorrizas / Ensaio Pré Ena na UFV.

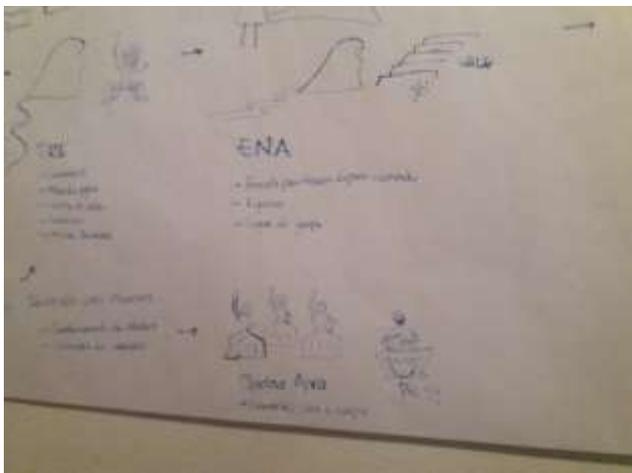


Foto: Acervo Micorrizas / Relatoria Gráfica ações 2018.

Assim, em 2018 o grupo inicia suas atividades com a programação do que sonhamos para o ano inspiradas na simbologia das guerreiras da água e, vinculando a questão política do momento, iniciamos a construção das cenas. O momento social cultural político trouxe os olhares artísticos para a denúncia do crime que tem acontecido em todo o território nacional e especificamente mineiro, com o rompimento das barragens e ganância das mineradoras. Com a imagem das Guerreiras da Água vivenciamos o ENA e, posteriormente, na Troca de Saberes (Viçosa, Julho/2018), essas identificam-se como as Guerreiras de Oxum Nhama.



Foto: Acervo Micorrizas / Calça feita pelo Coletivo Sapucaia

Nesse sentido, essa construção cênica inicia-se com os preparativos do ENA no Erê – Encontro Regional – Pré Ena; Candeeiros de Luz, Assentamento Olga Benário. Um grupo de bailarinos intérpretes vai se fixando. Junto às reuniões, às vivências nos intercâmbios e oficinas de referências populares, integram-se ao repertório. Uma ideia surge no diálogo com a coordenação do evento e se incorpora de forma sutil - O Tesouro, o que vai nascer, começa a dominar as possessões do corpo nos ensaios. A perspectiva do evento de receber 5 mil pessoas nos coloca com o pensamento na cena e como mostrá-lo. Seria preciso subir. Ensaios com a Perna de Pau que inspiraram o parto do tesouro - a guerreira, grávida, se equilibrando na perna de pau, carregava aquilo que representava o futuro do país, futuro que nasce do povo, costura da vida - algo que se tornaria fundamental durante o ato público no IV ENA BH. Na costura tivemos também a parceria com o Grupo Sapucaia, “grupo de costura” responsável por desenvolver os figurinos a compor a cena no evento, propositalmente tornando-se membro desse alinhavar da vida referente ao processo de criação.



Trabalhamos assim com a simbologia da Guerreira que nasce com o germinar da semente, o plantio, o correr da água, a comunidade que anuncia a chegada de um tesouro, anúncio do futuro que queremos. Este Tesouro em cena nasce do povo representado pela intérprete criadora Jezebel, que durante o ato fez sua caminhada na perna de pau. Este tesouro, porém, o que seria, material e concretamente? Uma faixa com alguma frase escrita? Nada inspirava este fruto. Ele, na verdade, estava sendo preparado por outras mãos e na véspera do ato revela-se a sincronicidade da construção da cena. Uma das organizadoras convida o grupo para fazer a entrada da bandeira tecida pelos diversos territórios, diversidade, respeito, cores, sabores, segurança, saúde - esse é o futuro que queremos. E assim nasce o bandeirão da agroecologia.

Houve também uma atuação do grupo junto à Marcha Mundial das Mulheres no ato em frente ao museu da Vale. Convidadas pela Marcha, recebemos a missão de falar em cena os nomes das mulheres que morreram no crime de Mariana. A cena também vivenciada no Erê retorna como Sincronicidade com o que nos pedem.

Assim, sentimos entendendo no corpo - o nosso futuro que é nossa costura, conexão missão Micorrizas.

## Resultados

O trabalho experienciado partiu de pesquisa de campo, transcrito em laboratórios de pesquisa de movimentos tornando de acesso aos criadores-pesquisadores intérpretes ações corporais por meio de releitura e significados da vivência. Ressalta a memória que se faz presente durante toda essa construção, aguçando sentidos, percepções, imagens e sensações que viabilizam a potencialidade e respeito à cultura popular.

No ENA tivemos a oportunidade de colocar em cena as guerreiras e ouvir as críticas de sua atuação na batalha pela arte no campo da agroecologia. Houve algumas poucas reuniões com coordenadores do evento para dialogar as cenas e projetá-las no espaço. Não tivemos ensaio no local, isso foi um ponto crítico o que gerou um grande desafio, porém em contraponto pequenos fragmentos dissolvidos em performance foram projetados ao longo do evento. *“Esperava-se que da terra fossemos para o ar, ficamos na terra”*, dificultando a visibilidade das cenas, trazendo aprendizagens em críticas reflexivas; a frase aqui apontada torna se feedback dos intérpretes que atuam na cena.

Puderam ser percebidas as etapas de construção e processo trabalhado pelo coletivo se efetivando em pesquisa de campo, encontros para



Foto: Acervo ENA / Ato Final Micorrizas



experimentações, apresentações e composições em dança brasileira, em espaços diversos no qual envolvia a comunidade e temáticas que iam de encontro ao público a fim, possibilitando o diálogo com outros projetos assim como oferta de oficinas e um material audiovisual e fotográfico para um feedback e acesso aos interessados.

O fato de o Grupo Micorrizas ser um grupo de estudos corporais integrais e integrados a agroecologia, na investigação do movimento em diálogo com os princípios agroecológicos apontando a valorização de saberes dos povos tradicionais, concretizou ainda mais a ação nesse espaço referido (ENA), através da escuta e reelaboração destes saberes na performance. Essa vivência proporcionou um trabalho com diversas e diferentes comunidades, culturas e manifestações ressaltando a suma importância da interação ao espaço geográfico possibilitado pelo Parque Municipal da cidade de Belo Horizonte e o Viaduto Santa Tereza e contato com pessoas ali vive e de seus cotidianos, além da multiplicidade de pessoas do país inteiro envolvidas no evento.

A ação e participação no evento possibilitou uma visão mais ampla e de múltiplas facetas para construção do artista, através da troca mútua e constante durante todo o mesmo, assim como a apropriação de um espaço marginalizado através da arte (viaduto), afirmando a ressignificação e valorização do mesmo, atribuído como um marco extraordinário, certificando cada vez mais as diversas maneiras de se fazer arte indo de encontro a todo e qualquer cidadão.

Nossas buscas seguem pelos caminhos de diálogos de memórias coletivas, ritualidades e ancestralidades, com percepções, emoções, corporificações individuais e coletivas das pessoas que puderam interpretar e compor a performance, em um processo de fortalecimento de diversos saberes da cultura. Movimentar o corpo, mostrar com a dança a resiliência, resistência, alegria e força daqueles que com muita festa mantêm nossas referências culturais ancestrais. Um trabalho que proporciona, mesmo não estando em cena, ser membro dessa obra.

Conecta a arte com a agroecologia na convergência da direção futura: Democracia e Bem Viver na medida que contribui com o fortalecer das narrativas sobre a sociedade que queremos e estamos construindo, como apontado na Carta política do IV ENA.

## **Agradecimentos**

Os autores agradecem ao ECOA – Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da UFV; à Chamada MCTI/MAPA/SEAD/MEC/CNPq nº 21/2016. Ao Coletivo de Costura Sapucaia, ao IV Encontro Nacional de Agroecologia ENA e, a Organização Cooperativa de Agroecologia OCA.

## **Referências Bibliográficas**

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Carta Política IV ENA Agroecologia e Democracia Unindo Campo e Cidade disponível em [https://www.agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2019/03/carta\\_politica\\_web.pdf](https://www.agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2019/03/carta_politica_web.pdf) acessado em 03 /07/2019.

JUNG, C. G. **Sincronicidade**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.